

A PRODUTIVIDADE DA METONÍMIA NA FALA GOIANA: UMA ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA

*Natália de Paula Reis**

*Leosmar Aparecido da Silva***

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de analisar o fenômeno da metonímia e sua produtividade em dados de fala do português contemporâneo falado em Goiás. Para tanto, este estudo teve como embasamento a perspectiva teórica de pesquisas que envolvem a metonímia, como um fenômeno presente no uso e como mecanismo cognitivo, tal como propõem Lakoff e Johnson (2002), Goossens (2002), Ferrari (2014), Silva (2012) dentre outros. Em vista disso, com base nos referenciais teóricos da Linguística Cognitiva, a leitura e a análise dos usos contemplaram os níveis gramatical, semântico e pragmático-discursivo das construções. O *corpus* de análise compreendeu os dados coletados pelos integrantes do Projeto Fala Goiana, ao qual este estudo está associado. Constatou-se, portanto, nos dados, uma grande produtividade do fenômeno da metonímia. Dentre as metonímias investigadas sobressaíram as do tipo *todo pela parte, parte pelo todo*, em especial as que são constituídas por partes do corpo, e de *lugar pelo evento*. Ademais, percebeu-se nos usos a recorrência da metaftonímia, ou seja, da relação entre metonímia e metáfora que se justapõem para adequar às necessidades comunicativas do falante.

Palavras-chave: Metonímia; Mecanismo cognitivo; Fala Goiana; Metaftonímia.

ABSTRACT

This article has meant to examine the metonymy phenomenon and your productivity in real speech data of contemporary Portuguese spoken in Goiás. Therefore, this study was like base the theoretical perspective of researchs involving metonymy, as a phenomenon present in use and as cognitive mechanism, as proposed Lakoff and Johnson (2002) Goossens (2002), Ferrari (2014), Silva (2012) among others. In view of this, with base in theoretical subsidy of Cognitive Linguistics, the reading and analysis of the uses contemplated the grammatical levels, semantic and pragmatic-discursive of the constructions. The corpus of analysis comprised the data collected by members of the Fala Goiana Project, which this study is associated. It was found, therefore, on the data of speech goiana a high productivity of metonymy phenomenon. Among the investigated metonymies highlighted the type of part for the whole, especially the metonymies are constitute of parts of the body and of the event for the place. Moreover, it was observed in the uses, the recurrence of methaftonymy, i. e., of the relationship between metonymy and metaphor, are juxtaposed to suit the speaker's communication needs.

Keywords: Metonymy; Cognitive mechanism; Speech goiana; Metaphonymy.

* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFG.

** Doutor em Letras e Linguística pela UFG e professor Adjunto I da UFG.

INTRODUÇÃO

Este artigo associa-se a um projeto maior da Universidade Federal de Goiás denominado *Português contemporâneo falado em Goiás - Fala goiana*, que objetiva investigar e descrever os fenômenos linguísticos do português contemporâneo falado em Goiás, e cujos dados constituíram o *corpus* da presente pesquisa.

Conforme sugere o próprio título, propõe-se neste estudo investigar o fenômeno conceptual da metonímia como um processo que pode ser tratado sob o enfoque sociocognitivista, semântico e pragmático. Dessa maneira, adotando os pressupostos Funcionalistas da Linguagem de que a língua e a gramática não são autônomas, – tal como propõe Dik (1989), Halliday (1985), Neves (1997) e outros – pretende-se interpretar e compreender esse fenômeno considerando seu funcionamento nas categorias linguísticas de natureza semântica, discursiva, gramatical.

Ressalta-se que a metonímia, quando comparada à metáfora, recebeu consideravelmente menos atenção, embora, em especial nos estudos da linguística cognitiva, pode-se observar um aumento significativo de trabalhos dedicados ao tema. Isso fica evidente em trabalhos como os de Lakoff (1987), Lakoff e Johnson (2002), Radden e Kövecses (1999), Sánchez (2009) e outros, que estudam a metonímia em termos cognitivos como um fenômeno conceitual. Destacam-se também os trabalhos de Goossens (2002), Ferrari (2014) e Silva (2012), que tratam da interação entre metonímia e metáfora.

Entretanto, esses trabalhos parecem não abordar o potencial de uso e o propósito comunicativo desse fenômeno. Este é um aspecto proposto por Ibañez (1997) e Farias (2007), mas que também será enfoque do presente estudo, com a novidade de analisar o fenômeno da metonímia e sua produtividade também em dados reais de fala do português contemporâneo falado em Goiás.

Este artigo está organizado em cinco seções. Na primeira seção, inicialmente, discute-se a perspectiva teórica em que se fundamenta o núcleo temático do estudo. Na segunda seção, faz-se uma apresentação e discussão dos resultados. Por fim, tem-se a conclusão, em que se sintetizam os resultados da pesquisa e são retomadas as principais questões debatidas nesse artigo e, em seguida, apresentam-se as referências.

1 LINGUÍSTICA COGNITIVA E METONÍMIA

A Linguística Cognitiva é uma abordagem da linguagem que tem como princípio as experiências culturais e sensoriais do homem no mundo. É uma proposta teórica que concebe o conhecimento da língua em uso (FERRARI, 2014; NEVES, 1997) e enfoca a dimensão simbólica da linguagem. Assim, para os sociocognitivistas, os estudos sobre cognição relacionam-se ainda aos aspectos culturais e sociais, uma vez que é por meio da interação social, que a cognição e a linguagem surgem, desenvolvem-se e organizam-se.

Nessa direção, este artigo associa-se a estudos que expandiram a função da metonímia para além do seu conceito tradicional de figura de linguagem, considerando-a agora também como fenômeno cotidiano, da percepção e da conceptualização humana em relação ao mundo.

Cognitivamente, a metonímia é vista como um recurso eminentemente humano, presente na linguagem da vida cotidiana, desempenhando papel central no modo como pensamos, agimos e falamos, tal como afirmam Lakoff e Johnson ([1980] 2002). Nesse sentido, é responsável não só pela estruturação do pensamento, como também da linguagem e da ação. Nesse sentido, Lakoff e Johnson ([1980] 2002, p. 92-96) fornecem uma lista de exemplos de algumas metonímias comuns, como:

- Parte pelo todo: *Tenho um novo 8 válvulas.*
- Produtor pelo produto: *Ele comprou um Ford.*
- Objeto pelo usuário: *O saxofone está resfriado hoje.*
- Controlador pelo controlado: *Napoleão perdeu em Waterloo.*
- Instituição pelos responsáveis: *O Senado acha que o aborto é imoral.*
- Lugar pela instituição: *A casa branca não está se pronunciando.*
- Lugar pelo evento: *Não deixemos que a Tailândia se torne um outro Vietnã.*

Seguindo essa mesma perspectiva, Kövecses e Radden (1999) alegam que a metonímia pode ser considerada um fenômeno conceitual, um processo cognitivo e opera dentro de um Modelo Cognitivo Idealizado (MCI). Como fenômeno conceitual, ela se constitui nas experiências humanas e está sujeita a princípios conceituais gerais e sistemáticos que estruturam nossos pensamentos e ações. Como processo cognitivo, constitui um modo de processar informações na mente e, por operar dentro de um MCI, existe um modelo prototípico de ocorrência da metonímia, que consideramos que seja *o parte pelo todo*.

Dessa forma, entender a metonímia, sob a perspectiva da linguística cognitiva, significa perceber que há um mapeamento conceitual dentro de um único domínio em que uma entidade em um domínio conceitual é usada para referir-se a outra que é relacionada a ela (IBAÑEZ, 1997; SÁNCHEZ, 2009), por isso, o protótipo de *parte pelo todo*. Acrescenta-se ainda que a metonímia envolve quase sempre um efeito conceitual chamado “realce de domínio”.

Tendo em vista que o uso da metonímia possibilita colocarem-se em relevo certas características da entidade a que se faz referência, Lakoff e Johnson ([1980] 2002) descrevem a metonímia como um processo cognitivo em que uma entidade conceitual, o veículo, dá acesso a outra entidade conceitual, o alvo, dentro de um mesmo modelo cognitivo. Esse mesmo processo cognitivo é descrito por Langacker (1987 *apud* SANTOS, 2012, p. 49), por meio da noção de Ponto de Referência e Zona Ativa.

Juntamente à noção de metonímia, para a compreensão e para a análise dos principais usos metonímicos reconhecidos nos dados coletados, é fundamental o entendimento acerca da visão do *continuum* metonímia-metáfora, estudado primordialmente por Goossens (2002). Sabe-se que a metaftonímia é a interação entre a metáfora e metonímia que se justapõem para adequar às necessidades comunicativas do falante (GOOSSENS, 2002; SILVA 2012). De acordo com Goossens (2002), às metaftonímias podem ser atribuídos dois tipos básicos, que são a metaftonímia integrada e a cumulativa.

Por *metaftonímia integrada*, o autor entende que, em uma mesma expressão, uma metonímia e uma metáfora são combinadas. Nesse sentido, esse tipo inclui uma metonímia dentro de uma metáfora e uma metáfora dentro de uma metonímia. Já a *metaftonímia cumulativa* implica em uma metáfora que é derivada de uma metonímia ou vice-versa. Dessa maneira, na metaftonímia cumulativa, pode haver metáfora de metonímia em que o produto final é uma metáfora, bem como casos raros de metonímia de metáfora (em que o resultado é uma metonímia).

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO: USOS METONÍMICOS IDENTIFICADOS NO CORPUS

Conforme menciona Lakoff (1987), existem diversos modelos metonímicos em um sistema conceptual rico e eles são usados para uma ampla variedade de efeitos. Em relação às ocorrências no *corpus*, pode-se afirmar que o fenômeno da metonímia foi bastante produtivo na fala goiana e que as principais ocorrências foram do tipo *parte pelo todo*, *todo pela parte* e *lugar pelo evento*. Foram encontradas no *corpus* 216 metonímias. Na figura 1, a seguir, estão seus tipos e porcentagens:

Figura 1: Tipos de metonímias verificadas no *corpus*

Pode-se constatar que a metonímia realmente é produtiva na fala goiana. As metonímias mais produtivas no *corpus* foram as do tipo *parte pelo todo* (73%), em seguida, as do tipo *lugar pelo evento* (25%). As metonímias *parte pelo todo* e *todo pela parte* ocorreram 158 vezes nos dados coletados. Desse total, 87 foram enunciadas por falantes do sexo feminino e 71 por falantes do sexo masculino. Já as metonímias *lugar pelo evento* ocorreram 54 vezes nos dados coletados, das quais 29 foram enunciadas por falantes do sexo feminino e 25 por falantes do sexo masculino, o que revela que a metonímia é produtiva, equilibradamente, entre os falantes, independente do sexo.

Segundo Kövecses e Radden (1999), a metonímia *PARTE pelo TODO* ganhou bastante atenção dos pesquisadores. Conhecida tradicionalmente como sinédoque, esse tipo de metonímia foi bastante produtiva nos dados coletados. Possivelmente, a produtividade dessas metonímias do tipo *PARTE PELO TODO* pode estar relacionada ao fato de que essa é uma metonímia mais genérica, a que integra o MCI. O conceito de metonímia, inclusive, repousa sobre essa relação de CONTÊINER, em que um elemento está “dentro”/contém o outro, no qual o falante enfatiza certos aspectos do todo ou da parte que se pretende selecionar:

- (1) Ele num... num deu a vorta por cima não... acho que faltou um pôco de Deus na **cabeça** dele ((risos)) (JCRO, M, 30)
- (2) achei que nós dois ia morrê naquela hora assim... aí quando... assim o susto foi tão grande... que te num foi... assim... o **carro** passo raspano assim... o carro assim... (SBSL, F, 28)
- (3) Eu trabalho num lavajato... então... eu gosto muito daquele trabalho... pois meu patrão é cristão também... ele vai numa igreja da minha namorada Andressa... lá vai muito **carro**... a gente trabalha com ordem... decência...

Nos dados de fala acima, verifica-se o uso da metonímia *parte pelo todo*, em que, em

determinada situação, alguma subcategoria ou submodelo é utilizado para compreender a categoria como um todo. Em (1), isso se dá por meio da substituição de *mente/pensamento* pela palavra *cabeça*. Vale salientar que há nesse uso a presença do processo da metaftonímia, posto que a metonímia se dá imbricada à metáfora proposta por Lakoff e Johnson ([1980] 2002) CABEÇA/MENTE É CONTÊINER/RECIPIENTE. Nos usos (2) e (3), nota-se que a entidade explícita já pressupõe a noção de motorista, que compõe o *frame* veículo/condução. Em vista disso, por economia cognitiva, ao invés de o falante dizer o *motorista do carro passou raspando* ele diz o *carro*, o que contribui para o processo metonímico se efetive. Além disso, o uso de *carro* para se referir ao conjunto *motorista e carro* contribui para evitar ambiguidade na comunicação. Se o falante dissesse *o motorista do carro passou raspando* se poderia pensar que era apenas o motorista, o carro não.

Cabe ressaltar que apareceram algumas metonímias diferentes das que foram propostas por Lakoff e Johnson ([1980] 2002: 92-96), como as do tipo *todo pela parte*. Esse tipo de metonímia é tratada por Sánchez (2009) como uma das possibilidades de relação metonímica. Segundo o autor, as metonímias que envolvem parte-todo podem ser do tipo PARTE PELO TODO (*ele é o cabeça do grupo*), TODO PELA PARTE (*ele comeu frango*) e PARTE PELA PARTE (*veranear; invernar*). Dentre os dados em que se deu a metonímia todo pela parte, pode-se destacar também os usos constituídos pela expressão ‘todo mundo’, que ocorreu 95 vezes: 44 ocorrências com falantes do sexo masculino e 51 do feminino. A seguir, são apresentadas três dessas ocorrências:

- (4) ó depois que a minha mãe morreu... cabô... o (desestresse) da minha casa era minha mãe... minha mãe conseguia reunir **todo mundo**... ele[pai] num consegue não... ele num consegue de jeito nenhum... então... aí... cada um foi pra... pro seu canto... (RLMS, F, 40)
- (5) logo no primêro dia de carnaval...**todo mundo** fica na farra... né?... num tem... num tem... responsabilidade... né?... (BFS, M, 65)

Percebe-se, nos três usos anteriores, que a expressão *todo mundo* é uma alusão, geralmente, às pessoas de um grupo específico, por isso, a metonímia aqui se constitui como o TODO PELA PARTE. Em (4), a expressão refere-se às pessoas que se reuniam na casa do falante, provavelmente, a seus familiares. Já no uso (5), essa mesma expressão refere-se às pessoas que gostam de festar e ficar no carnaval.

Para além dessas relações, mostram-se, a seguir, usos em que se apresentaram metonímias do tipo lugar pelo evento:

- (6) povo fazia... ia longe... pa í numa **reza**, pa í numa **missa**... hoje táino... o povo passa pru cima... num qué nem sabê... nessa época eis ia... eis falava tudo isso... tudo vai acabá... (MAJ, F, 65)
- (7) Bem na **virada**... bem na festa((risos)) todo mundo festano e minha mãe passano dor.. (JCS, M, 38)
- (8) tinha ido na casa da minha madrinha pra nós saí né? aí nós foi num **churrasco**... aí conheci ele lá no **churrasco**... nós se apresentaram um pro outro né? aí des desse dia... (SBLs, F, 28)

Nas amostragens acima, verifica-se a ocorrência da metonímia *lugar pelo evento*. Em (6), o falante, ao invés de se fazer uso sintático de uma sentença do tipo *foi ao local (igreja) onde ocorreu a missa*, diz-se simplesmente que *foi à missa/reza*. Além disso, nota-se que há nesse uso o processo de substantivação em que o verbo rezar passa a desempenhar funções próprias de substantivo. Em consequência, o verbo/substantivo assume a acepção de evento, proporcionando a ocorrência da metonímia. Já no uso (7), a metonímia se dá por meio da substituição *do local onde ocorreu a festa da virada de ano* pelo substantivo *virada*. Inicialmente, esse substantivo denota o ‘ato ou efeito de virar’, mas amplia-se à noção de evento e de tempo (“passagem do ano, à meia noite”), que possibilita a metonímia. De forma evidente, nota-se que, pragmaticamente, o falante é guiado pelo princípio da economia cognitiva (IBARRETXE-ANTUÑANO et. al., 2012; SILVA, 2012), em que se procura comunicar muito utilizando-se de poucas palavras, de modo que o sentido é alcançado com sucesso. Esse princípio ocorre por meio da omissão não somente do local do evento, mas também dos substantivos *festa* e *ano*, já pressupostos pelo *frame* de virada. Por último, em (8), o fenômeno da metonímia ocorre por meio da substituição do *local onde ocorreu a reunião festiva de pessoas para saborearem carne assada por churrasco*. Verifica-se que também há integrada a essa metonímia a substituição do evento *festa* pelo tipo de comida que se é servido nesse evento: *churrasco*. Tais usos mostram com maior evidência que o princípio da economia cognitiva é intrínseco à constituição da metonímia.

Ademais, verificaram-se nos dados, poucos usos em que a metonímia atua em casos de conversão, havendo uma transposição de classe que não se caracteriza por nenhuma marca morfológica explícita. (BASÍLIO, 2011). Nota-se nos usos que se seguem o tipo de conversão em que se formam substantivos a partir de adjetivos:

(9) Doc. Ceis são quantos?

Inf. Nós somos quatos... são dois **preto** e dois **branco**. (JS, M, 36)

(10) tinha um homem que mexia com carro véi na frente...tá batano lá... tÔo... tÔo... tÔo... abri a janela vi um **preto**... né? Falei... ah::: preto por preto basta só eu... eu fechei a janela... ele insistiu... ele falô assim... irmã eu ti... eu bato na sua janela...cê fecha a janela no meu rosto? (MANC, F, 38)

Em casos como os de (9) e (10), o substantivo formado por conversão designa um indivíduo que apresenta tipicamente a propriedade expressa pelo adjetivo. Nota-se, portanto, que a metonímia se dá, tal como afirma Basílio (2011), geralmente, a partir da conversão de adjetivos relacionados a seres humanos. Em (9), o fenômeno conceptual se dá por meio da conversão dos adjetivos ‘preto’ e ‘branco’ em substantivo. No dado (10), ocorre também por meio do adjetivo ‘preto’, que assume o valor de substantivo. Dessa maneira, em ambos os casos, ao invés de o falante dizer *o homem que era preto/branco* ele diz *um preto/um branco*. Nesses usos, como o interlocutor provavelmente já possui determinados conhecimentos envolvidos na cena interativa, o uso da metonímia tem uma função pragmática de “encurtar conversa” e centrar-se no elemento-foco necessário para se fazer entendido da maneira que pretende ser entendido. Como se observa, há clara integração entre os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos que, juntos, contribuem para o sucesso da interação.

De acordo com Silva (2012, p. 20), “o corpo tem papel fundamental na configuração das emoções, nas relações interpessoais, na realização de trabalhos, na realização de atos de fala”. Em virtude da importância das experiências corporais na cognição e no desenvolvimento da gramática das línguas e do alto índice de metonímias compostas por partes do corpo nos dados, separamos a subseção seguinte para dedicar-se à hipótese da corporificação da mente e à influência do corpo nos usos metonímicos.

2.1 Metonímias constituídas por partes do corpo

Conforme dito anteriormente, de acordo com os pressupostos da Linguística Cognitiva, o corpo não só delimita a experiência como também estrutura a cognição. (FERRARI, 2014). Nessa perspectiva, a hipótese de corporificação concebe a linguagem como o reflexo da experiência do corpo no mundo real. Dessa maneira, é importante ressaltar que as experiências físicas, perceptuais do falante têm papel fundamental na compreensão do processo metonímico, posto que a linguagem resulta de recursos compartilhados que refletem aspectos universais da mente, do corpo humano e da experiência. (SILVA, 2012)

Segundo Goossens (2002), parece haver um número considerável de expressões figurativas para linguística que contêm itens lexicais que denotam partes do corpo. Essas ponderações sustentam o que se verificou nos usos metonímicos presentes no *corpus*. Após a realização de buscas de várias partes do corpo humano nos dados, categorizamos as partes em que se pôde observar esse fenômeno, conforme ilustra o quadro abaixo:

Quadro 1: Número de usos metonímicos que englobam partes do corpo

Partes do corpo	Número de ocorrências
Cabeça	26
Cara	11
Pé	10
Boca	8
Coração	4
Língua	1

Percebe-se no quadro 1 que metonímias com *cabeça* foram mais recorrentes que metonímias com outras partes do corpo. Esse grande número de ocorrências com construções metonímicas (e também metafóricas) com *cabeça*, se deve, possivelmente, por ser esta uma palavra que denota uma parte fundamental do corpo humano. Além de indicar a parte mais alta do corpo, a maior recorrência de *cabeça* pode também ter ocorrido devido este se encontrar relacionada às atividades mentais, socioculturalmente valorizadas como positivas e, ainda, pela variedade de extensão de sentidos que essa palavra possibilita.

Farias e Lima (2010) *apud* Silva (2012, p. 171) demonstram uma rede de significados do nome *cabeça*. Dentre as acepções, Farias e Lima (2010) destacam que é possível observar que *cabeça*, como parte do corpo, possui aspectos físicos e mentais. Os aspectos físicos que colaboram para a

extensão de sentido são a posição e forma da cabeça. Os aspectos mentais que colaboram para a extensão metafórica é a conceptualização de cabeça como fonte, máquina, ponto vital, contêiner, líder.

Tendo em vista esses aspectos propostos por Farias e Lima (2010), os usos abaixo contemplam metonímias com cabeça, constituídas por diferentes informações sintáticas e semânticas:

- (11) e sempre eu que era o... o **cabeça** de casa pra zelá deles... eu que ficava cuidano deles... pô eles pra dormi... tinha hora pra dá bãim... trocá fralda... sempre era eu... (JS, M, 36)
- (12) se a esposa ajudá o esposo vai pra frente... mais se num ajudá num tem como... num tem como só um... só uma **cabeça** fazê... as coisa acontece... acho qui a esposa tem que sê sábia... né? (MEPFB, F, 33)
- (13) quando eu era pequena... eu ia muito na **cabeça** do povo sabe... era boba demais... eu achava que existia lubisome... eu achava que tinha sombração... (MAJ, F, 65)

Nos usos descritos acima, percebemos que as construções metonímicas são formadas por uma palavra que denota uma parte fundamental no corpo humano, entretanto, os usos ocorrem a partir de diferentes sentidos da palavra *cabeça*. Em (11), há a ocorrência tanto do processo da metonímia e da metáfora, sobrepostos. Inicialmente para interpretar a sentença, entende-se metonimicamente CABEÇA por PESSOA. Ressalta-se também que esse uso refere à metáfora conceptual O MEMBRO PRINCIPAL DE UM GRUPO É O CABEÇA, em que o falante associa a noção de liderança à cabeça, e conseqüentemente a noção de poder. Normalmente, poder é hierarquicamente AQUILO QUE ESTÁ EM CIMA, POR CIMA, QUE VEM DE CIMA. Motivadamente, “o cabeça” é aquele que detém o poder, aquele que “manda”. Em (12), assim como ocorre em (11), percebe-se que a palavra *cabeça* pode ser conceitualmente entendida como uma *pessoa*. Nesse sentido, o falante utiliza de parte (*cabeça*) para referenciar um todo (*pessoa*), ou seja, ao invés do falante dizer *só uma pessoa fazer* ele diz *só uma cabeça fazer*. Por último, no uso (13), observa-se a metáfora conceptual CABEÇA É RECIPIENTE. Para tanto, o falante utiliza a metáfora baseada em uma metonímia TODO PELA PARTE, em que *cabeça* (TODO) é utilizada para se referir à *mente* (PARTE). Nesse uso, ao invés de o falante dizer que ia pelo *pensamento/ideias* do povo, diz que vai pela *cabeça* do povo. A escolha do órgão cabeça em detrimento da mente/pensamento pode estar associada ao fato de a cabeça ser externa e visível e, desse modo, estar diretamente relacionada com as experiências do falante.

Outros usos metonímicos com partes do corpo humano puderam também ser visualizados no *corpus*, tais como aqueles relacionados à palavra boca, demonstrados a seguir:

- (14) comigo aqui um dinheiro alguma coisa pra mim ajudá qu/eu num tenho... esse... num tem as veis falta mistura eu num tem mistu:::ra... é mesma coisa assim ó eu cabo fecho a **boca** assim bate um na porta pra mim ajudá fazê unha ô ota hora um dinheiro que já tá muito tempo qu/eu... (MEPFB, F, 33)
- (15) eu mesmo nunca calcei um calçado fechado... que era meu sonho era calçá uma botina na época... né... i::: ele não tinha condições... como que alimentava dez **boca**... onze com a dele... né... quer dizer... a gente era deiz irmãos né... com a dele era doze... (JCRO, M, 30)

Em (14), há a presença do processo metafórico e metonímico, imbricados. Nesse sentido, a leitura metonímica é necessária para a construção da metáfora, uma vez que essa construção apresenta uma ligação com a sua origem metonímica. No dado, o fenômeno da metonímia ocorre quando boca (produtor) é utilizado para se referir à *fala* (produto). Com base nessa metonímia, verifica-se a formação da expressão metafórica “fechar a boca”, que tem o sentido de “parar de falar”. Dessa maneira, neste uso, os lábios unidos assumem a acepção de ausência de fala. Já em (15), há a metonímia do tipo *PARTE pelo TODO*, uma vez que *boca* (parte) é utilizada para se referir ao corpo (todo). Logo, o falante ao invés de dizer que *alimentava dez pessoas*, ele diz que *alimentava dez bocas*. No sintagma verbal “alimentar dez bocas”, o verbo alimentar carrega em seu sentido a noção de que “é pela boca que se alimenta”. Pragmaticamente, dizer “alimentar dez bocas”, por ser mais específico, focando-se na parte, o falante torna seu discurso mais expressivo, dramático e, conseqüentemente, mais persuasivo no sentido de comover o interlocutor para a sua situação de pobreza na infância, já que esse era o tema da narrativa.

Além disso, outros usos menos recorrentes mostram-se nos dados, como os com as partes do corpo *língua* e *coração*:

(16) Inf. Aí sempre achava alguém pá pegá no pédele...prá curti com ele devido ele... sê vesgo e sê **meia língua**... sabe?

Doc. O que é meia língua no caso?

Inf. Meia língua é... é... não desenvolve... né?

Doc. Não fala direito

Inf. Não fala direito... fala embaraçado

(17) Tem mágoa... assim... minha mãe... as pessoa que eu converso... fala assim pra mim assim... que eu tenho que... tenho que... **abri meu coração** sabe?... (SBLs, F, 28)

Em (16), verifica-se um tipo de metaftonímia, denominada ‘cumulativa’ por Goossens (2002), isto é, nesse uso, há a presença uma metáfora derivada de uma metonímia. Nesse caso, a metonímia é do tipo PRODUTOR pelo PRODUTO, em que o falante prioriza a *língua* no lugar da *fala*. Nessa metonímia, o falante aplica a noção de parte/metade para situações mais abstratas e constrói a metáfora “meia língua”, ou seja, aquele que não fala direito, que fala as palavras de modo diferente daqueles que não são gogos. Em (17), metáfora e metonímia também se encontram integradas. Nesse uso, a metonímia do tipo TODO pela PARTE, na qual ao se substituir *corpo humano* (todo) por *coração* (parte), surge a metáfora CORAÇÃO É CONTÊINER, em que o falante concebe o coração como um local onde se pode colocar e retirar coisas de dentro. Assim, “abrir o coração” significa “contar para o outro fatos/sensações de natureza sentimental”. De acordo com Sánchez (2009) e Silva (2012), em algumas metáforas e metonímias os símbolos podem apontar para a coisa simbolizada. Nesse uso, embora o falante não afirme que guarda os sentimentos no coração, ele associa a noção de sentimentos a esse órgão, provavelmente, porque culturalmente o coração foi o órgão do corpo humano utilizado para simbolizar o amor/sentimentos.

Construções metonímicas com a palavra pé foram recorrentes. Essas construções apareceram 10 vezes nos dados coletados, conforme ilustrou o quadro 1. Seguem alguns usos desse tipo:

- (18) depois cantava na... na... chegada do seiço depois ia ... brincá... o que... o que o dono da casa quisesse... ô::: dançá... **rastapé**... ô catira... (JCS, M, 72)
- (19) meu pai mesmo... eu num cheguei a conhecê... i sempre minha mãe... sempre pegava no meu **pé**...falava que...cê tem a cara do seu pai... Z. R.... qu/era o nome do meu pai... (JS, M, 36)

Em (18), comparando-a com as classificações anteriores, percebemos um tipo diferente de metonímia. Neste uso, o falante substitui, metonimicamente, a parte do corpo (pé) pela característica do movimento, o arrastar do pé. É também diferente porque um sintagma inteiro, pelo processo de rotinização, transformou-se numa única palavra. Já no uso (19), percebe-se novamente a ocorrência do processo da metaftonímia. Nessa metonímia, está imbricada a metáfora, cujo significado pode ser interpretado como “atormentar com pedidos insistentes”. Assim, o falante relaciona uma situação real em que tenta se mover e é impedido, com o incômodo gerado pela insistência da mãe.

Também foram vistos no *corpus* alguns usos metonímicos com rosto/cara, como os demonstrados a seguir:

- (20) aí até um dia eu peguei virei pra ele e falei assim... olha... sua filha não vai precisar de você não... mas você vai precisar dela mais tarde... ele... credo precisa **jogar isso na minha cara** também... falei... precisa... pra você acorda (pra ver se aprende a crescê)... (RLMS, F, 40)
- (21) olha...com o primeiro marido...eu não gosto muito di tê contatu cum ele não...porque eu não gosto nem de ver a **cara** dele que me faz mal... mais...última vez que eu fui na casa dele/eu fui lá na casa dele visitá ele lá porque ele tava doente... né... (APS, F, 33)

Nas amostragens (20) e (21), há o que Lakoff e Johnson (1980 [2002]) chamam de metonímia do tipo ROSTO PELA PESSOA. Nesse tipo de metonímia, o falante prioriza parte (rosto) em detrimento de um todo (pessoa). Em (20), aciona-se a metonímia *PARTE PELO TODO*, em que se permuta o todo (corpo) pela parte (rosto), que tem maior realce. Em consequência, há a ocorrência da metáfora “falar/reclamar frente a frente para determinada pessoa sobre algo que não fez”. Em (21), há também a metonímia do tipo *PARTE PELO TODO*, em que o falante substitui a pessoa (todo) pelo rosto (parte). Dessa maneira, ao invés de a falante dizer que *não quer ver o marido* diz que *não quer ver sua cara*. Esses usos se dão provavelmente pelo fato de o rosto ser a mais proeminente e mais focalizada que o restante do corpo em uma conversa, por exemplo. Além disso, o falante procura, por meio dessa metonímia, dar mais relevância para determinados elementos do que para outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta investigação, verificou-se que a metonímia possui papel fundamental na cognição, na interação, bem como na linguagem da vida cotidiana, conforme propuseram Lakoff e Johnson (1980 [2002]). Em vista disso, houve um número considerável de construções metonímicas que puderam ser verificadas no português falado em Goiás na contemporaneidade.

Em relação ao aspecto sintático, percebeu-se que a maioria das metonímias que ocorrem na fala goiana forma construções, ou seja, duas ou mais palavras se juntam e formam uma unidade significativa, o que contribui para que haja, com muita frequência, o fenômeno da metaftonímia, visível em boa parte dos usos. No que diz respeito ao aspecto semântico, percebeu-se que a maioria delas, mesmo que não fossem do tipo *PARTE pelo TODO*, pressupunha a relação entre parte e todo. Talvez isso ocorreu devido à relação de contiguidade (um elemento dentro do outro, um é a parte e outro é o todo) ser elemento preponderante para se conceituar metonímia. Em relação ao aspecto pragmático, observou-se que a metonímia é muito produtiva, porque ela contribui para o sucesso comunicativo. Como num sintagma, numa sentença, num enunciado, num texto há sempre elementos FOCALIS, a metonímia constitui um recurso para que o falante “foque” naquilo que é essencial para a comunicação, eliminando palavras e expressões que já são do conhecimento partilhado com o seu interlocutor. Além disso, ainda em relação aos aspectos pragmáticos da metonímia, ela tem também uma função retórica/argumentativa. O falante faz uso da metonímia para tornar seu drama pessoal mais comovente e digno da atenção do interlocutor, como foi visto e comentado em um dos usos. Considera-se que a pragmática da metonímia de focalizar elementos de interesse comunicativo é o mais preponderante e, a partir dele, surgem as nuances semânticas e as construções sintáticas, tal como prevê o paradigma funcional da linguagem, cujo ponto de partida são sempre as motivações pragmáticas.

No que diz respeito à produtividade da metonímia relacionada à cultura goiana, em algumas delas, percebeu-se o uso de construções metonímicas, que constituem expressões muito comuns na cultura goiana e que se encaixam na cultura brasileira como um todo. Um exemplo é *ARRASTAPÉ* para se referir a uma dança muito comum no estado de Goiás e no Brasil como um todo, que é o *FORRÓ*. A associação do verbo “arrastar” com a parte do corpo “pé” formou um todo significativo/substantivo “arrastapé”, focal para se referir ao forró de maneira genuína.

Essa análise da metonímia na fala goiana contribuiu para confirmar a hipótese de que a linguagem é um reflexo do corpo no mundo real, ou seja, de que a mente seria estruturada a partir de nossas experiências corporais. Essa consideração se efetiva, como foi visto, na medida em que se constatou produtivas nos dados metonímias constituídas por partes do corpo, em especial as compostas por “cabeça”.

Também se pode perceber neste estudo que a definição de metonímia pode ser considerada imbricada à de metáfora. Referimo-nos aos casos em que houve o que se chamou de ‘metaftonímia’, que demonstraram que o limite entre uma metáfora e uma metonímia é tênue. Provavelmente, a integração entre esses fenômenos foi recorrente nos dados, porque tanto a metáfora como a metonímia constituem mecanismos cognitivos de extensão semântica. Além disso, as análises evidenciaram ainda que a metaftonímia acontece principalmente na evocação de partes do corpo em que, geralmente, a identificação da metonímia serve de suporte para a ocorrência da metáfora como nos casos da cabeça, do coração e do pé.

Diante de tudo isso, é importante ressaltar que este estudo teve o propósito, como já foi dito anteriormente, de contribuir para analisar o fenômeno da metonímia do ponto de vista cognitivo, o que não desconsidera o trabalho com esse fenômeno sob outras perspectivas. Dessa forma, não se pretende nem seria razoável pretender esgotar esse assunto, pois ele possui um espectro amplo para ser aprofundado.

REFERÊNCIAS

- BASÍLIO, M. M. P. O papel da metonímia na morfologia lexical. In: **ReVEL**, edição especial n. 5, 2011. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_5_o_papel_da_metonimia_na_morfologia_lexical.pdf> Acesso em: 06 Jan 2017, 16:23
- DIK, S. C. **The Theory of Functional Grammar**. Dordrecht-Holland/ Providence RIEUA: Foris Publications, 1989.
- IBAÑEZ, F. J. R. M. Cognitive and pragmatic aspects of metonymy. Universidad de La Rioja: **Cuadernos de Filología Inglesa**, 1997. p 161-178.
- IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; VALENZUELA, J.; HILFERTY, J. A semântica cognitiva. In: ANTUÑANO, I. I.; VALENZUELA, J. (Orgs.). **Linguística cognitiva**. 1 Ed. Barcelona: Anthropos, 2012.
- FARIAS, E. M. P. Metáfora e metonímia na geração de sentido. In: **Organon**. Porto Alegre, n. 43, julho/dezembro, 2007, p. 85-95.
- FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2014.
- FILLMORE, C. Semântica de Frames. Trad. Galeno Fae da Silva. In.: **Cadernos de tradução**. n. 25. Jul./dez. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2009. p. 25-54.
- GOOSSENS, Louis. Metaphonymy: The interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. In: **Metaphor and metonymy in comparison and contrast**. New York: Mouton de Gruyter, 2002.
- HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to Functional Grammar**. Baltimore: Edward Arnord, 1985.
- KÖVECSES, Z; RADDEN, G. Towards a theory of metonymy. In: **Metonymy in Language and Thought**, 1999.
- LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987.
- _____; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. [coordenação a tradução Mara Sophia Zanotto] – Campinas, SP: Mercado de Letras: São Paulo: Educ, [1980] 2002.
- NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SÁNCHEZ, A. B. O poder da metonímia. In: **Linguística Cognitiva. Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, nº 25, jul-dez, 2009, p. 7-24.
- SANTOS, I. A. Um estudo sobre a metonímia como um processo cognitivo. **Revista Percursos linguísticos**, v.2, n.5, 2012, p. 40-56.

SILVA, L. A. **As bases corporais da gramática**: um estudo sobre conceptualização e metaforização no português brasileiro. 2012. 284 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

TURNER, M.; FAUCONNIER, G. Metaphor, metonymy and binding. In: **Metaphor and metonymy in comparison and contrast**. New York: Mouton de Gruyter, 2002